

## **Geografias econômicas variegadas do neoliberalismo e do desenvolvimento desigual: uma introdução às contribuições de Jamie Peck**

### **Variegated economic geographies of neoliberalism and uneven development: an introduction to Jamie Peck's contributions**

Carlos Brandão  
Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional - IPPUR-UFRJ  
brandaoufrj@gmail.com

Daniel Sanfelici  
Departamento de Geografia - Universidade Federal Fluminense - UFF  
danielsanfelici@id.uff.br

Felipe Nunes Coelho Magalhães  
Departamento de Geografia - Instituto de Geociências - IGC-UFMG  
felmagalhaes@ufmg.br

Fernanda Pernasetti  
Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional - IPPUR-UFRJ  
nanda.pernasetti@gmail.com

Hipólita Siqueira  
Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional - IPPUR-UFRJ  
hipolitaufRJ@gmail.com

Jeroen Klink  
UFABC  
jeroen.klink1963@gmail.com

João Tonucci  
Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional/Faculdade de Ciências Econômicas - Cedeplar/FACE-UFMG  
joaotonucci@cedeplar.ufmg.br

Marcos Barcellos de Souza  
Centro de Engenharia, Modelagem e Ciências Sociais Aplicadas - CECS- UFABC  
marcos.barcellos@ufabc.edu.br

#### **Resumo**

A geografia econômica de língua inglesa vive um período de intensas transformações nas últimas décadas, ampliando suas abordagens e diálogos interdisciplinares. Este artigo apresenta o dossiê especial da *Revista Geografias*, dedicado à obra de Jamie Peck, reconhecido por seu rico trabalho no campo da geografia econômica. Peck combina influências da economia política, do institucionalismo e da geografia crítica para examinar temas como o desenvolvimento desigual, a mobilidade de políticas e a governança urbana. O dossiê inclui traduções de textos que traçam sua contribuição à compreensão das dinâmicas globais contemporâneas, explorando conexões entre mercados, políticas públicas e transformações econômicas e territoriais. O artigo contextualiza como essas perspectivas podem enriquecer agendas de pesquisa no Brasil e na América Latina, marcadas por desafios específicos na articulação de escalas e na difusão de modelos urbanos e regionais. Este

artigo introdutório ao dossiê busca facilitar o acesso dos leitores aos artigos traduzidos, ampliando o acesso à obra daquele autor, e promovendo um diálogo substantivo entre as experiências do Sul e do Norte Global.

**Palavras-chave:** geografia econômica, neoliberalismo, regulação, desenvolvimento desigual, Jamie Peck

### Abstract

Anglophone economic geography has undergone a period of intense transformation in recent decades, broadening its approaches and interdisciplinary dialogues. This article introduces the special issue of *Revista Geografias*, dedicated to the work of Jamie Peck, renowned for his influential contributions to economic geography. Peck integrates insights from political economy, institutionalism, and critical geography to examine topics such as uneven development, policy mobility, and urban governance. The special issue includes translations of texts that highlight his contributions to understanding contemporary global dynamics, exploring connections between markets, public policies, and economic and territorial transformations. This article contextualizes how these perspectives can enrich research agendas in Brazil and Latin America, which face specific challenges in articulating scales and diffusing urban and regional models. As an introduction to the special issue, this article aims to facilitate readers' engagement with the translated works, broadening access to Peck's scholarship and fostering substantive dialogue between the experiences of the Global South and the Global North.

**Keywords:** economic geography, neoliberalism, regulation, uneven development, Jamie Peck

### Introdução

A geografia econômica de língua inglesa vem passando, nas últimas três décadas, por um período de intensa produção de novas abordagens e modos de entendimento do mundo através das transformações engendradas pelo universo das atividades econômicas, entendidas ampla e diversamente. Após o período da chamada guinada cultural, ou pós-estrutural, nas ciências sociais e humanas, nas décadas de 1970 e 1980 – que criou um campo de debates muito produtivos com a geografia crítica baseada em pilares marxistas desde então –, o campo da geografia econômica se expande, se diversifica e passa a encarar questões e temas de pesquisa anteriormente ignorados e/ou deixados para outras searas epistemológicas.

Embora seja fundamental que continuemos questionando e resistindo à generalização da língua inglesa como uma espécie de *língua franca* do período da mundialização capitaneada pela hegemonia estadunidense, é importante reconhecer os grandes pontos de encontro entre sujeitos situados em regiões diversas do mundo, que também se relacionam com o inglês como língua estrangeira, que a ampliação do uso daquela língua fez surgir desde o período do pós-guerra. Esta dinâmica tem tido implicações

importantes para a produção acadêmico-científica em muitas partes do mundo, e há uma miríade de possibilidades de cooperação e aprendizado mútuo nestes espaços de encontro e intercâmbio.

Por algum motivo que ignoramos, a atividade de tradução de trabalhos acadêmicos parece ter sido desvalorizada no Brasil desde o início da década de 1990. Naquele período, duas obras importantes da geografia humana anglófona – *A condição pós-moderna*, de David Harvey, e *Geografias pós-modernas*, de Edward Soja –, ambas publicadas em 1989, foram rapidamente traduzidas e publicadas no Brasil por grandes editoras, o primeiro livro em 1992 e o segundo em 1993. Muitos trabalhos de grande importância na mesma área haviam aparecido na década de 1980 e continuaram a vir à tona na sequência, e pouquíssimos foram traduzidos<sup>1</sup>. Criou-se aí um acúmulo de publicações pouco ou nada conhecidas por leitores brasileiros e/ou lusófonos, tendo como consequência a ampliação do isolamento relativo das comunidades de pesquisa situadas no Brasil, em relação a este circuito internacional baseado na língua inglesa.

Ademais, para além das publicações em forma de livro, há uma grande profusão de artigos que promoveram debates definidores de muitas agendas de pesquisa - como é o caso das críticas feministas ao marxismo (voltadas principalmente para o trabalho de David Harvey) e ao pós-modernismo (com foco sobretudo em Edward Soja) na geografia crítica (Massey, 1991; Rose, 1993) -, e que tiveram importantes consequências para os campos ampliados da geografia humana e dos estudos urbanos.

No âmbito da geografia econômica, um dos autores de maior importância neste período desde meados da década de 1990 foi justamente o geógrafo inglês Jamie Peck, cuja trajetória e obra apresentaremos brevemente abaixo, como introdução a este dossiê especial da Revista Geografias, composto pela tradução de um pequeno conjunto de seus artigos. A influência de Jamie Peck tem sido significativa no desenvolvimento de um campo que dá sequência à linhagem da geografia crítica, mas o faz de modo aberto e plural, e em constante diálogo e debate com outras vertentes e disciplinas. Peck contribui em muito para o entendimento de questões determinantes no mundo contemporâneo, através de sua abordagem geo-econômica crítica do neoliberalismo e de seus inúmeros agentes, processos,

---

<sup>1</sup> Alguns exemplos mais proeminentes: Massey (1984); Harvey (1996); Gibson-Graham (1996); Storper (1997); Graham e Marvin (2001).

trajetórias e modos de configurar hegemonias em escalas geográficas múltiplas – indispensável também para a ação coletiva e organizada de resistências, alternativas e modos de negação deste grande projeto excludente e injusto.

A ideia do dossiê que apresentamos a seguir surgiu no encontro nacional da ANPUR (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional), realizado em 2023, em Belém, a partir de uma constatação da grande contribuição em potencial da obra de Jamie Peck para a pesquisa em geografia econômica e em campos correlatos no Brasil contemporâneo (como, por exemplo, as diversas vertentes da economia heterodoxa - pós-keynesiana, regulacionista, neo-marxista -, o planejamento urbano e regional, as políticas públicas, a ciência política ou a sociologia econômica e/ou urbana), que vêm atravessando uma série de dinâmicas e transformações cujas expressões no norte global foram minuciosamente analisadas pelo autor através de perspectivas socioespaciais ricas e múltiplas. Dois meses depois da decisão de seguirmos em frente com a empreitada da curadoria dos artigos e das traduções que apresentamos neste volume da Revista Geografias, veio o anúncio do prêmio Vautrin Lud de 2023, agraciado justamente ao geógrafo inglês cuja obra permanece pouco conhecida no contexto brasileiro.

No âmbito das pesquisas sobre a América Latina e o Brasil, a obra de Jamie Peck pode oferecer uma miríade de contribuições em potencial, dentre as quais apontamos três exemplos mais relevantes. O primeiro está relacionado à hipermobilidade de políticas. A produção multiescalar e relacional do espaço urbano e regional emerge como uma questão central ao considerarmos a geração, circulação e adaptação de modelos de parcerias público-privadas (PPPs) e outros dispositivos financeiros e institucionais no campo do planejamento no Brasil, em setores como saneamento, transporte e habitação. O exame crítico desses processos permite compreender como políticas globais são reinterpretadas e reterritorializadas, revelando dinâmicas específicas do contexto nacional.

O segundo ponto diz respeito ao que Peck denomina como o gesto comparativo ("the comparative gesture"), em diálogo com o trabalho de Jennifer Robinson. Essa noção pode inspirar um projeto político-intelectual que desenvolva novos métodos para estudos urbanos comparativos em escala global, ao mesmo tempo em que reconhece e valoriza as especificidades geográficas e históricas do Sul Global. Esse gesto comparativo aponta para uma abordagem que desafia tanto a universalização de modelos urbanos hegemônicos quanto a fragmentação teórica, favorecendo análises que integrem diversidade e conexão.

Por fim, os trabalhos de Peck podem contribuir suba pesquisa em torno das relações entre austeridade urbana, finanças e a emergência de novas geografias da moeda. Aqui, a articulação entre a geografia econômica e a economia monetária heterodoxa, especialmente no que tange à teoria da moeda endógena, pode abrir caminhos promissores para aprofundar a pesquisa sobre a financeirização do espaço. Essa abordagem permite explorar como os processos monetários e financeiros participam da reconfiguração das dinâmicas territoriais, contribuindo para uma agenda de pesquisa que interliga economia política e espaço urbano.

### **As múltiplas trajetórias de Jamie Peck**

Geógrafo britânico, Jamie Peck nasceu e cresceu na pequena cidade de Kimberley, Nottinghamshire, atualmente com cerca de seis mil habitantes, situada nos arredores da cidade de Nottingham, em uma região marcada pela atividade de mineração de carvão. Ao finalizar sua graduação em Geografia pela Universidade de Manchester em 1983, Peck buscava uma posição como servidor público e não intencionava seguir trajetória acadêmica, quando foi convidado a fazer doutorado em Geografia na mesma universidade, em 1984.

Seus estudos de doutoramento foram realizados em um momento conturbado da história recente da Inglaterra, então sob a gestão de Margaret Thatcher, atravessando uma crise que gerava altas taxas de desemprego, especialmente o juvenil, especialmente nas regiões de maior peso da atividade industrial, como era o caso da cidade de Manchester. Naquele momento, havia uma transição das políticas de fomento à geração de emprego desde o lado da demanda (através do aumento do gasto público, criando empregos diretos e indiretos em setores diversos) para políticas do lado da oferta (centradas em cursos de capacitação e treinamento), o que, segundo Peck, já denotava o início de uma estratégia neoliberal. Tal contexto foi fundamental para que Peck iniciasse sua carreira como pesquisador, focando seus interesses na Economia Política, especialmente nas questões do mundo do trabalho. Nessa fase, foi influenciado pelas teorias da segmentação do mercado de trabalho, seguindo a linha de Joan Robinson, da escola de Cambridge e o livro de Frank Wilkinson (1981), bem como a linha americana das teorias radicais da segmentação (Reich, Gordon e Edwards, 1973) e a abordagem das estruturas sociais da acumulação. Essa

iniciação pelas questões do mundo do trabalho, o levaram a questões teóricas sobre o Estado e ao livro de Claus Offe (1985) "Capitalismo Desorganizado". Essa obra seria sua porta de entrada para as “mercadorias fictícias” e o problema da regulação do trabalho no capitalismo em Karl Polanyi (1944) [The great transformation] e aos trabalhos dos teóricos da regulação (a partir do livro de Aglietta (1979) [A theory of capitalist regulation]. Porém, segundo Peck, a conexão da geografia com a perspectiva da regulação foi influenciada pela pesquisa de doutorado que Adam Tickell desenvolvia à época e que, mais tarde, seria seu colaborador em trabalhos sobre neoliberalização.

Sua conexão com os teóricos da Geografia ocorreu mais tarde, ao final de seu doutorado, através das pesquisas sobre reestruturação industrial na Inglaterra de Doreen Massey (1984) [*Spatial divisions of labour*] e do livro de Gregory; Urry (1985) [*Social relations, space and time*]. Em suas palavras, ele estava mais “interessado em Economia Política antes de encontrar um lugar na Geografia”. No entanto, sendo a Geografia um campo aberto, eclético e plural, isso lhe permitiu seguir um caminho próprio orientando-se mais por problemas (naquele momento focado no tema da regulação dos mercados urbanos e regionais de trabalho) do que por teorias fechadas. Assim, nos anos 1990, tornou-se professor em um departamento de Geografia, sendo um “geógrafo econômico de carteirinha”.

Naquela mesma época, as “viradas marxistas” no campo da geografia econômica britânica, a partir de David Harvey e Doreen Massey, foram influências importantes. No entanto, segundo Peck, foi mais decisivo em sua trajetória a sua pesquisa guiada pelos temas do trabalho e da regulação estatal, seguindo a heterodoxia da Economia Política. Desse modo, situava-se em uma “zona cinzenta” nesse debate, tendo em vista que as questões da regulação institucional e do Estado eram negligenciadas.

A partir desta fase inicial, Peck torna-se um pesquisador com uma carreira intensamente produtiva, em colaboração com outros autores igualmente renomados e criativos, abrindo perspectivas estimulantes e inovadoras sobre amplo leque de temas, tal como poderá ser apreciado neste dossiê. Porém, como denominador comum nesta trajetória está a preocupação com o desenvolvimento desigual e as manifestações da diferença econômica, bem como com as questões de sua regulação e institucionalização. Nesse aspecto, sendo influenciado pela perspectiva de Bob Jessop sobre uma “forma integral de

---

análise econômica” conectando-a, dentre outras coisas, com a transformação do Estado, a cultura e política urbana e regional.

Apresentaremos rapidamente a seguir um panorama das principais publicações de Jamie Peck ao longo de sua carreira na pesquisa acadêmica, com o intuito de apresentar o autor aos leitores e de contextualizar o conjunto de textos traduzidos e disponibilizados neste dossiê. A trajetória de Peck é caracterizada por uma profusão de novos temas que vão surgindo ao longo de sua caminhada e que vão sendo mantidos em atividade e no radar do trabalho de pesquisa do autor ao longo dos anos subsequentes. Há algumas searas que são atravessadas e deixadas para trás logo em seguida, mas elas são minoritárias. Essa abertura de flancos diversos que vão sendo mantidos ao longo dos anos, bem como a grande quantidade de artigos de alto padrão e densidade, são fatores que precisam ser entendidos num contexto de trabalho acadêmico muito específico e privilegiado. Além da estrutura e do orçamento generosos, o tempo dedicado pelos pesquisadores de nível mais elevado às aulas, ao trabalho administrativo e às orientações é uma fração daquele que se observa no contexto brasileiro. Os departamentos criam plenas condições para que os pesquisadores, cujo trabalho apresenta potenciais de se inserir e se manter nas fronteiras dos principais debates nos campos onde atuam, sigam nessa direção por longos períodos. As implicações são inúmeras, bem como os juízos de valor possíveis, mas o fato que nos interessa é que aquele é um contexto radicalmente distinto, que precisa ser minimamente conhecido para que a escala e a densidade da lista de publicações – apresentaremos somente a fração correspondente àquelas que são mais conhecidas e influentes – seja compreendida.

Ao final dos anos 1980, esse pesquisador dá início ao que viria a ser sua extensa lista de publicações nos principais periódicos de geografia humana e econômica de língua inglesa. Em 1988 e 89, Peck vai para um pós-doutorado na Universidade de Melbourne, na Austrália, e em 1989 inicia sua carreira como pesquisador e docente na Escola de Geografia da Universidade de Manchester, onde permaneceria até o ano 2000. Naquele ano, parte para os EUA, e assume uma posição como professor de geografia e sociologia na Universidade de Wisconsin em Madison, comumente considerada naquele país como a “Berkeley do meio-oeste”, em função de sua orientação de esquerda. Em 2008, Peck assume sua posição atual como professor do departamento de geografia da Universidade de British Columbia, em Vancouver, no Canadá.

Seguindo a cronologia de suas publicações principais, em 1992, Peck publica na revista *Geoforum* um artigo intitulado, em tradução livre, “Modos locais de regulação social? Teoria da regulação, Thatcherismo e desenvolvimento desigual”. Como marca de seu estilo provocador, que o acompanharia durante toda a carreira, o autor argumenta que o déficit regulatório no Reino Unido não era causado pela região Norte, que sofria mais diretamente os impactos da desindustrialização. O problema era incitado pela sobreposição de uma crise do Sul (região mais desenvolvida que deveria “sustentar” o desenvolvimento do país) e da escala nacional, que foi incapaz de conter o desenvolvimento desigual.

Em coautoria com o geógrafo Adam Tickell, no mesmo ano de 1992 os autores publicam o artigo “Acumulação, regulação e as geografias do Pós-Fordismo: elos ausentes na pesquisa regulacionista”, na revista *Progress in Human Geography*. Aqui surge uma agenda de pesquisa que definiria um eixo determinante em seu trabalho, que permaneceria ativo até o tempo presente (em 2024), e que daria grande projeção ao autor. Trata-se da análise crítica do neoliberalismo a partir de uma perspectiva plural em geografia econômica, que combina a abordagem da escola francesa da regulação com outros modos de teorização e entendimento da dinâmica capitalista no espaço, frequentemente com uma dimensão empírica através de métodos qualitativos trabalhados de diversas maneiras. Estes debates acerca da reestruturação produtiva – na grande reconfiguração institucional, regulatória, das cadeias produtivas e dos modos de organização da produção e das esferas da reprodução, que ocorreram a partir da crise do capitalismo fordista-keynesiano e da progressiva configuração do regime neoliberal/pós-fordista –, atraíram muito a atenção da geografia humana na década de 1990, não somente no âmbito da geografia econômica. Peck participou ativamente destes diálogos, sendo muitos de seus artigos e capítulos de livros a respeito destes temas publicados em co-autoria com Adam Tickell, e a influência dos textos, medida através do número de citações, foi crescendo ao longo dos anos.

Com efeito, a proximidade acadêmica e pessoal com Bob Jessop e a profusão de trabalhos de alunos como Martin Jones (Peck) e Gordon MacLeod (Jessop) contribuiu para a consolidação do que foi chamada de “terceira geração” de regulacionistas (Jones, 1997; Jessop & Sum, 2006). Esse programa de pesquisa foi importante para revitalizar a Escola da Regulação Parisiense, embora suas críticas e aperfeiçoamento da agenda da regulação não sejam devidamente reconhecidos por seus autores fundadores. A preocupação em relacionar o caráter processual e contingente das práticas regulatórias com o

desenvolvimento desigual em todas as escalas constituem aportes fundamentais para qualquer tentativa de espacializar a Abordagem da Regulação e tentar resolver o que Martin Jones (1997) definiu como o “enigma regulacionista”: como entender as transformações locais num contexto de globalização e reestruturação produtiva?

Em 1995, Peck e Tickell publicaram um artigo no IJURR (*International Journal of Urban and Regional Research*, ou, em tradução livre, Revista Internacional de Pesquisa Urbana e Regional) apresentando uma crítica minuciosa ao chamado “Modelo de Manchester”, que ainda permanece no poder naquela cidade, e envolve um “caso de livro-texto” de política urbana neoliberal, voltada para a criação de um ambiente favorável à expansão do investimento privado, num paralelo àquilo que a pesquisa urbana e os estudos críticos do planejamento urbano e regional no Brasil vêm tratando como o “planejamento estratégico” de cidades e regiões. Este texto é um marco importante na trajetória de Peck, pois abre um novo flanco, ao qual o autor continuaria se dedicando até o momento presente, voltado para a pesquisa urbana no contexto do norte global, inserindo-se assim na ampla comunidade transdisciplinar que atua nesta seara dos estudos urbanos.

Em 1996, Peck publica seu primeiro livro, *Work-place: the social regulation of labor markets* (Local de trabalho: a regulação social dos mercados de trabalho), que apresenta resultados de sua trajetória de pesquisas acerca deste tema, com a empiria apresentada através de estudos de caso, e propondo que os mercados de trabalho não são determinados por dinâmicas de mercado – oferta e demanda –, mas por processos institucionais que têm geografias particulares, com grande capacidade de atuação de agentes locais, contribuindo com a dinâmica do desenvolvimento desigual própria da dinâmica capitalista no espaço. O segundo livro, *Workfare States* (Estados das políticas de workfare), foi publicado em 2001, e traz uma análise crítica das políticas de workfare, os modos de direcionamento dos beneficiários do seguro-desemprego aos postos de trabalho disponíveis através do treinamento (ou da “reciclagem”) para posições específicas oferecido pelo próprio poder público.

No fim da década de 1990, Peck inicia uma parceria com o planejador Nik Theodore que permanece em cena até hoje. O primeiro artigo publicado pela dupla trata do fortalecimento do emprego temporário na cidade de Chicago, onde Theodore atua como professor e pesquisador (na *University of Illinois at Chicago*), e que serviria como laboratório para muitas das pesquisas posteriores dos dois autores.

Em 2002, Peck e Tickell publicam na revista *Antipode* um texto que teria enorme influência e projeção, para muito além do contexto da geografia e dos estudos urbanos anglófonos, acerca da interface entre neoliberalismo e espaço, cujo título pode ser traduzido livremente como “Neoliberalizando o espaço”. Este artigo revisita o estatuto político e teórico do neoliberalismo, defendendo uma análise processual da neoliberalização. Tendo como referência a experiência dos centros de produção discursiva neoliberal da Europa Ocidental e América do Norte, os autores argumentam que a capacidade transformadora e adaptativa do neoliberalismo, como um projeto político-econômico de longo alcance, tem sido repetidamente subestimada. Defendem assim uma reconstituição histórica e geográfica dos processos de neoliberalização, com atenção às variadas formas de inserção dos “neoliberalismos locais” em redes e estruturas ampliadas de neoliberalismo. A principal contribuição do artigo foi a compreensão do neoliberalismo como forma mutável, e da neoliberalização como processo incessante de “destruição criativa”. Nesse sentido, os autores introduziram a ideia de que a neoliberalização articula fases de desregulação e desmantelamento (roll-back) de marcos institucionais previamente existentes com momentos de construção e consolidação (roll-out) de novos modos de governança e reconstrução de relações, pressões e disciplinas extralocais.

Também no início dos anos 2000, surge o tema da *fast policy* - a política pública ágil, rapidamente formulada, implementada e/ou trazida e adaptada de outros contextos, de acordo com demandas, interesses e necessidades específicas -, numa analogia à *fast food*. Trata-se de uma crítica a novos modos de elaboração e transferência de políticas públicas num paradigma neoliberal de eficiência do serviço público em que a ação do Estado é (re)estruturada sem passar por processos lentos (e vistos como burocráticos) de avaliação e aprovação. A abordagem da ciência política e da sociologia acerca da transferência de políticas, que estuda os modos como as políticas viajam entre localidades diferentes, passa por uma reformulação através dos trabalhos de uma série de geógrafos dedicados a esse tema, os quais propõem a ideia da mobilidade de políticas como uma perspectiva mais adequada aos processos de adaptação e reconfiguração que o deslocamento de modelos e paradigmas tende a promover. A geografia das políticas públicas é abordada por Peck através das lentes da neoliberalização, um modo de entender o neoliberalismo como um processo progressivo que avança no tempo e no espaço, também passando por adaptações e mutações em suas viagens e conquistas de novos territórios. Os trabalhos de Peck sobre a mobilidade

de políticas se entrelaçam também com debates brasileiros semelhantes sobre a geração, circulação e adaptação de instrumentos e dispositivos no campo do planejamento urbano e regional.

O artigo *Lutando contra a classe criativa* (Peck, 2005) foi outro texto que teve bastante projeção. Ele apresenta uma crítica do modelo de desenvolvimento urbano proposto por Richard Florida, baseado em sua interpretação de que a estratégia das cidades poderia atrair e reter capital humano capaz de gerar crescimento econômico local de forma simples e barata, através do provimento das amenidades urbanas que estes grupos buscam. Este discurso teve bastante adesão no contexto do norte global, e gerou toda uma indústria de consultorias para as prefeituras das grandes cidades em muitos países (visando melhorar a sua classificação nas listas das cidades “mais criativas”). Peck se opõe a este raciocínio apontando para a fragilidade do argumento e para o fato de que ele seria mobilizado na direção do fomento a dinâmicas de gentrificação, como ocorreu de fato.

A preocupação com a difusão de modelos baseados em soluções universais elaborados por “gurus do urbanismo” continuou presente na obra do autor. No artigo “Racionalidade Econômica encontra a urbanologia de celebridade: explorando a cidade de Edward Glaeser” (2016), Peck confronta o mais recente expoente da economia urbana ortodoxa, o economista norte americano Edward Glaeser. Glaeser, assim como Florida, compartilha um status de celebridade decorrente da sua forma de comunicação “pop” e alcance em variadas plateias internacionais. Ambos também têm em comum a defesa da mobilidade do talento mas, no caso de Glaeser, a sua proposta é mais orientada ao entrelaçamento da racionalidade microeconômica clássica com políticas neoliberais. Impulsionado pelo think tank conservador Manhattan Institute, o autor defende uma volta aos “fundamentos” da política urbana: baixos impostos, pouca regulação, boas escolas e garantia da ordem pública. Para Peck, essa agenda é ameaçadora porque se dedica a fazer com as cidades o que foi feito com o Estado de Bem Estar Social na geração anterior. Alguns alvos prioritários deste projeto são cidades em crise econômica e social que “já teriam cumprido seu papel produtivo”. Estas localidades seriam laboratórios irresistíveis para a receita neoliberal de desregulamentação e diminuição de tamanho (*downsizing*) e os exemplos perfeitos para o ataque a planos de resgates e auxílios financeiros. O caso principal é Detroit, que foi submetida a uma estratégia de reestruturação criticada em um dos artigos neste dossiê.

No momento Jamie Peck segue em renovadas frentes de análise do urbanismo neoliberal, dentre elas, realiza o rastreamento dos projetos utópicos dos ativistas ultraconservadores que vêm propondo experimentações radicais de implantação de cidades privadas, autodenominadas “de livre mercado”. Alguns de seus artigos mais recentes foram incluídos no dossiê apresentado a seguir, e dão um bom retrato de algumas de suas pesquisas atuais.

### **Caminhos metodológicos**

Jamie Peck já afirmou que a geografia econômica não é lugar para pretensas ortodoxias teóricas e metodológicas, sendo este um preço a se pagar para poder lidar com o “mundo real em fluxo” (2000). A obra do autor é permeada de incursões e experimentações com novos métodos e abordagens. Em 2007, Peck organizou, juntamente com os geógrafos Trevor Barnes, Eric Sheppard e Adam Tickell, o livro “Políticas e prática em Geografia Econômica”. No capítulo introdutório, “Métodos importam: transformação na geografia econômica”, os autores realizam ampla discussão acerca da origem de algumas conversas metodológicas na geografia econômica. Peck e os co-autores destacam que a urgência de ação que norteava as pesquisas sobre reestruturação produtiva não deveria ser mais importante que as discussões metodológicas. A escolha não deve ser entre ação política ou discussões metodológicas, pois política e método devem caminhar juntos. Com essa perspectiva, é reconhecido que a geografia econômica passou por diversas “viradas” (marxista, institucional, pós estruturalista, feminista), mas a discussão sobre métodos ficou em segundo plano. Neste livro, os autores buscam não apenas resgatar inovações e conflitos entre métodos historicamente utilizados – como a disputa entre métodos de pesquisa “intensivos” e extensivos” -, mas também apresentar diversas contribuições de pesquisas com metodologias variadas na (então) fronteira do conhecimento sobre as firmas e corporações, mundo do trabalho, Estado e natureza. Como conclusão, fica nítido que novas influências teóricas levaram a novos caminhos metodológicos. A maneira pela qual um autor extremamente prolífico e engajado como Jamie Peck absorve(u) contribuições variadas da economia política, macroeconomia heterodoxa, economia institucional, sociologia econômica, políticas públicas e urbanismo – além, é claro, da geografia- permite uma reflexão acerca do tratamento do método na obra do autor.

Conforme discutido nesta introdução, Peck foi influenciado originalmente pelo neo marxismo regulacionista e a noção de economia como um processo instituído, elaborada por Karl Polanyi. Assim, por mais que a “terceira geração” tenha proposto a incorporação de novos sujeitos e objetos da regulação, nota-se na primeira fase do trabalho do autor uma preocupação e rigor com as formas institucionais do modo de regulação, seu encaixe estrutural com o regime de acumulação e a importância do nexo salário-trabalho e das formas extra-econômicas na regulação, operando em variadas escalas espaciais. A forma de enxergar os processos de diferenciação institucional no espaço possibilitadas por esse tipo de arcabouço teórico contribuiu para que o autor transitasse em um nível meso analítico que não se encerra no mapeamento das diferenças e na descrição de estudos de caso, nem na identificação de forças abstratas universais e generalistas: sua pesquisa buscou entender a produção de diferenças locais considerando a integração de forças macro regulatórias com instituições herdadas e relacionalmente conectadas com outras instituições, localidades e escalas. Na primeira fase de seu trabalho, nota-se o uso de entrevistas com administradores, análise de relatórios e conversas com representantes dos sindicatos. O recurso das entrevistas é uma constante na obra de Peck, também como uma forma de identificar e rastrear manifestações do “poder”.

Uma virada metodológica importante em sua carreira pode ser identificada no projeto de “políticas rápidas”, já apresentado nesta Introdução. Em resposta ao crescente uso da teoria do ator-rede na geografia e sua proposta metodológica de “seguir a rede” – uma “metodologia negativa”, segundo Latour, pois não segue uma trajetória previamente determinada (Barnes et al, 2007) - Peck desenvolve original abordagem ao propor “seguir as políticas”. Neste projeto, a preocupação é com o fluxo e a fricção, com a institucionalização de práticas de viagem rápida das políticas e a imersão social da mobilidade destas políticas (Peck e Theodore, 2015). Para sua concretização, era necessária a escolha de “nós” significativos para determinada política pública a partir dos quais uma série de viagens seria realizada, também para centros de coordenação e distribuição destas políticas. A elaboração de uma metodologia original era parte integrante da pesquisa, tanto por não saber ao certo onde uma política o levaria quanto pela intenção de fazer um contraponto aos modelos ortodoxos de transferência de políticas, “metodologicamente positivistas e normativamente positivos”. Neste caso, uma das principais inspirações foi o “método do caso estendido”, aperfeiçoado por Michael Burawoy, mas adaptando suas

recomendações para realização de entrevistas e para a postura do observador/participante ir ao encaixo das redes de políticas transnacionais.

Mais recentemente, Peck tem realizado grande esforço de aperfeiçoamento de sua criativa e dialógica metodologia, definida por ele várias vezes como estando no nível da mesoanálise, que está sintetizada no seu livro *Variiegated economies*, publicado em 2023. Nele, o autor procura explorar novas sendas metodológicas sobre as possibilidades e os potenciais para a comparação relacional e a análise conjuntural, que tomem seriamente o lugar, a posicionalidade, a perspectiva, a situação e os contextos. Ele propõe que debruçar-se sobre um objeto de pesquisa deve ser uma prática permanente de buscar relações e conexões, rastreando *entre e através* de múltiplos sítios, escalas e dimensões, comparando-os relacionalmente. Assim, a análise também deveria atentar-se à dinâmica do movimento conjuntural, seguindo as pistas de Gramsci, Althusser, Poulantzas, Stuart Hall e Doreen Massey. Nos termos de Hall e Massey (2010: 57), “uma conjuntura é um período durante o qual diferentes contradições sociais, políticas, econômicas e ideológicas, que estão em ação, vêm se juntar em uma específica e distintiva forma”, permitindo, assim, pensar o presente como uma condensação de contradições, buscando elementos, acontecimentos, circunstâncias que formam uma conjunção particular no tempo e no espaço.

### **O dossiê especial “Transformações capitalistas, desenvolvimento desigual, regulação e instituições: a geografia econômica crítica de Jamie Peck”**

Os textos apresentados a seguir foram selecionados pelo grupo de autores deste artigo, em diálogo com o próprio Jamie Peck. A seleção pautou-se numa tentativa de se conciliar a necessidade de apresentação de alguns trabalhos definidores da trajetória daquele geógrafo, com as suas contribuições para a conjuntura político-econômica internacional mais recente. Além disso, nos pautamos pelo objetivo de apresentar materiais que possam contribuir de formas mais substanciais com o campo da pesquisa e do ensino, no contexto brasileiro, no âmbito da Geografia Econômica, e nos diversos campos adjacentes em que Peck atua e com os quais contribui: os Estudos Urbanos, o Planejamento Urbano e Regional, a Sociologia Econômica, dentre outros.

O primeiro artigo, *Sociologias Econômicas no Espaço*, foi publicado em 2005 no periódico *Economic Geography* (Geografia Econômica), e traduzido por Daniel Sanfelici. Neste texto, o autor questiona como a geografia econômica pode se (re)posicionar dentro do campo interdisciplinar da economia heterodoxa. O artigo oferece uma avaliação crítica da "Nova Sociologia Econômica", argumentando pela necessidade de ir além dos limites do paradigma das redes e da imersão. O autor defende um diálogo mais amplo e proposital com várias correntes da sociologia construtivista social e macroeconômica. Esse diálogo, por sua vez, exige uma crítica mais profunda das relações e análises de mercado e uma atitude mais militante em relação às ortodoxias econômicas. A promessa de tal conversa, estrategicamente focada na constituição simultaneamente social e geográfica das relações econômicas, é uma geografia econômica mais encorajada e com uma voz mais persuasiva no campo dos estudos econômicos heterodoxos.

O segundo texto, *Geografia Econômica: vida insular*, foi publicado na revista *Dialogues in Human Geography* (Diálogos em Geografia Humana) em 2012, e também foi traduzido por Daniel Sanfelici. O artigo propõe uma alegoria para discutir o presente e o futuro da geografia econômica. O autor argumenta que a geografia econômica, como uma ilha, pode se beneficiar muito da troca intelectual com outras ilhas no arquipélago dos estudos econômicos heterodoxos. No entanto, a troca com a economia ortodoxa, representada como uma potência continental, apresenta problemas crescentes, pois além da assimetria nas trocas, a relação é marcada por incompatibilidades epistemológicas e ontológicas. A postura de indiferença em relação à economia ortodoxa pode não ser mais sustentável, especialmente com o interesse crescente de "economistas geográficos" em áreas tradicionalmente cobertas pela geografia econômica, o que pode levar à colonização intelectual. Diante disso, o desafio para a geografia econômica é fortalecer alianças e trocas com outras áreas heterodoxas, buscando respostas criativas para "o mercado" dentro de um projeto pluralista e interdisciplinar de economia comparativa.

Na sequência, o terceiro artigo, *Explicando (com) o neoliberalismo* – publicado no periódico *Territory, Politics, Governance* (Território, Política, Governança) em 2013 e traduzido por Fernanda Pernasetti -, faz uma reflexão sobre a capacidade explicativa do neoliberalismo, antes e depois da crise global de 2008. Antes da crise, a visão do neoliberalismo como uma estrutura hegemônica e um regime de mercado facilitado pelo estado era vista com ceticismo por alguns críticos pós-estruturais, enquanto etnógrafos

achavam as ferramentas conceituais muito amplas para seus métodos. O fato de a crise global ter intensificado o regime de mercado, e não o ter enfraquecido, gerou uma reconsideração do significado explicativo e político do neoliberalismo. Isso abriu novas vias de diálogo entre visões estruturais e pós-estruturais do neoliberalismo e entre abordagens etnográficas e político-econômicas, revelando tensões epistemológicas e ontológicas. O artigo oferece um comentário crítico sobre essa área emergente.

O quarto texto, *Por Geografias Econômicas Polanyianas*, foi publicado em 2013 no periódico *Environment and Planning A: Economy and Space* (Meio Ambiente e Planejamento A: Economia e Espaço) e traduzido por Felipe Nunes Coelho Magalhães. O texto propõe contribuições substanciais da obra de Karl Polanyi à geografia econômica contemporânea. O autor nota que Polanyi, famoso por sua noção de "enraizamento social", tem sido uma figura influente mas um tanto elusiva na geografia econômica, com uma presença mais metafórica do que substantiva. Para construir uma geografia econômica polanyiana mais engajada, o artigo sugere um compromisso com a análise substantiva (em oposição à formal) das formações econômicas existentes, juntamente com uma adoção mais explícita do institucionalismo, do holismo e do comparativismo como modos de análise e crítica.

No quinto artigo, *Geografias Macroeconômicas* – publicado em 2016 na revista *Area Development and Policy* (Desenvolvimento Territorial e Políticas Públicas, em tradução livre) e traduzido por Hipólita Siqueira -, Peck argumenta que a geografia econômica precisa reavaliar a importância das questões macroeconômicas e revitalizar a economia política do desenvolvimento espacial desigual, tendo em vista as mudanças nas placas tectônicas no mundo geoeconômico e geopolítico, especialmente por conta da ascensão da China. O artigo destaca a necessidade de novos vocabulários para discutir a ascensão e queda dos capitalismo na era da globalização, indicando que as teorias existentes (assentadas na noção da divisão internacional do trabalho entre centro e periferia) podem ser insuficientes. Além disso, o autor defende a reconstrução das noções de desenvolvimento espacial desigual, pois, apesar de sua relevância, elas podem ter se tornado limitadas para explicar as novas formas de desigualdade espacial. Em suma, o artigo conclama a uma abordagem mais crítica e inovadora no estudo da relação entre economia, poder e espaço.

O sexto e o sétimo texto compõem uma dupla – *Cidade Transatlântica, Parte 1: Urbanismo Conjuntural*, e *Parte 2: Empreendedorismo Tardio*. Ambos foram publicados na

revista *Urban Studies* (Estudos Urbanos), a primeira parte em 2016 e a segunda em 2017. A primeira parte, traduzida por Jeroen Klink, introduz uma análise das transformações contemporâneas na governança metropolitana após as viradas empreendedoras dos anos 1980 e subseqüentes ondas de neoliberalização e financeirização. Propõe uma abordagem “conjuntural” à análise urbana, distinta das abordagens comparativas usuais, ao destacar a posição relativa das cidades no desenvolvimento desigual e nas relações multiescalares, além de explorar as conexões dialógicas entre estudos de caso e conceitos intermediários. Usando a crise financeira e política de Atlantic City como exemplo, o artigo historiciza o conceito de “cidade empreendedora” e o coloca no contexto das práticas neoliberais de governança, do surgimento do urbanismo de austeridade e da intensificação das reestruturações financeirizadas.

A segunda parte, traduzida por Marcos Barcellos de Souza, aplica esses princípios ao caso específico de Atlantic City, a partir de seu histórico de controle político e seu experimento com jogos de azar legalizados iniciado nos anos 1970. O texto aborda a crise estrutural que precedeu esse pacto do cassino, ligando-a à crise existencial subseqüente, gerada pelo fracasso do modelo local de crescimento empreendedor. O desmoronamento desse modelo, amplamente imitado, revela um momento de “empreendedorismo tardio” marcado pela governança fiscal e pela crise política.

O oitavo artigo, *Onde Estão os Mercados?*, traduzido por João Tonucci, foi publicado como capítulo de um livro organizado em 2020 pelo próprio Peck com os geógrafos Christian Berndt e Norma Rantisi, *Market/Place: exploring spaces of exchange*. Neste artigo, o autor busca fundamentar uma teorização da diversidade e espacialidade dos mercados, indo além do modelo ortodoxo. Em três etapas, o texto começa levantando questões preliminares sobre o lugar dos mercados e sua geografia histórica. Em seguida, explora o desafio de descentralizar o mercado, questionando a ideia de que o mercado ocupa naturalmente o centro do universo econômico. O capítulo examina como entender os “mercados reais”, tanto conceitual quanto empiricamente, sem depender do modelo idealizado do “mercado puro” e de suas distorções. Por fim, aborda mapeamentos alternativos dos mercados, inspirando-se em Karl Polanyi, mas propondo uma reconstrução mais aprofundada. Conclui que a questão de “onde” os mercados estão continua complexa, sugerindo novos pontos de partida para investigações que reconheçam: o caráter relacional dos mercados, dependentes de modos de coordenação não mercantis; sua forma “instituída”,

essencial em função mas variável na prática; e sua dinâmica processual, sempre fora de equilíbrio e marcada por contradições.

O nono texto, *Praticando metodologias para análises de conjuntura: abordando o capitalismo chinês*, foi publicado em 2023 na revista *Dialogues in Human Geography* (Diálogos em Geografia Humana) e traduzido por Hipólita Siqueira. Este artigo explora a análise conjuntural como uma prática metodológica desafiadora e pouco sistematizada, caracterizada pela análise de situações politicamente relevantes e pela combinação de teorização reflexiva com investigação social engajada e contextos ricos em historicidade. A análise conjuntural envolve atenção a estados complexos de codeterminação causal, investigação relacional e “ilimitada”, e uma disposição para testar criticamente teorias e categorias conceituais em situações anômalas, não típicas. No primeiro momento, o artigo aborda as implicações metodológicas dessa abordagem, incluindo um compromisso com a reflexividade e uma análise engajada com o contexto. Em seguida, o texto testa esses princípios ao colocá-los em diálogo com o caso do capitalismo chinês, que frequentemente desafia e confunde os marcos teóricos existentes. Embora não prescreva métodos específicos, a análise conjuntural sugere critérios distintos para a formulação de problemas e o design de pesquisa, incluindo a escolha e especificação de casos e a reconstrução de teorias contextualizadas.

Por último, o décimo texto é composto pela transcrição de uma entrevista com Jamie Peck realizada por Hipólita Siqueira em maio de 2021, tratando da trajetória intelectual e de vários temas trabalhados pelo autor em sua pesquisa e que estão contemplados nos artigos traduzidos neste dossiê.

Esperamos que a eleição destes artigos de Jamie Peck possa dar uma primeira visão geral da amplitude e da profundidade de seu profícuo e inovador programa de pesquisas de longo prazo. Sobretudo, desejamos que o maior conhecimento das diversas frentes desse programa possa instigar e inspirar pesquisadoras e pesquisadores brasileiros a realizarem um diálogo criativo e original com as contribuições críticas vindas do chamado norte global, porém, sempre a partir das particularidades de nossa contraditória, recombinação e específica produção social do espaço.

---

**Referências**

AGLIETTA, Michel (1979). *A theory of capitalist regulation: The US experience*. London: Verso.

BARNES, Trevor; PECK, Jamie; SHEPPARD, Eric; TICKELL, Adam (2007). *Methods matter: transformations in economic geography*. In: TICKELL, Adam; SHEPPARD, Eric; PECK, Jamie; BARNES, Trevor (eds). *Politics and Practice in Economic Geography*. Thousand Oaks, California: SAGE Publications.

GIBSON-GRAHAM, J-K (1996) *The end of capitalism (as we knew it): a feminist critique of political economy*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

GRAHAM, Steve; MARVIN, Simon (2001). *Splintering Urbanism: Networked Infrastructures, Technological Mobilities and the Urban Condition*. London: Routledge.

HARVEY, David (1996) *Justice, nature and the geography of difference*. Oxford: Blackwell Publishing.

JESSOP, Bob; SUM, Ngai-Ling (2006). *Beyond the regulation approach: putting capitalist economies in their place*. Cheltenham: Edward Elgar, 479p.

JONES, Martin. Spatial selectivity of the state? The regulationist enigma and local struggles over economic governance. *Environment and Planning A*, volume 29, pp. 831-864, 1997

MASSEY, Doreen (1984) *Spatial Divisions of Labour: social structures and the geography of production*. London: Methuen.

\_\_\_\_\_. (1991) Flexible Sexism. *Environment and Planning D: Society and Space*, 9(1):31-57.

PECK, Jamie (2000). Doing regulation. In: CLARK, Gordon, FELDMAN, Maryann; GERTLER, Meric (eds). *The Oxford Handbook of economic geography*. Oxford: Oxford University Press, pp.61-80.

PECK, Jamie e Theodore, NIK (2015). *Fast Policy: Experimental Statecraft at the Thresholds of Neoliberalism*. Minneapolis: University of Minnesota Press, pp. 336.

PECK, Jamie (2016). Economic Rationality Meets Celebrity Urbanology: Exploring Edward Glaeser's City. *International Journal of Urban and Regional Research*, Wiley Blackwell, vol. 40(1), p. 1-30.

PECK, Jamie (2020). Confessions of a recovering régulation theory. In: HILLIER, Brando, PHILLIPS, Rachel, PECK, Jamie (eds). Regulation theory, space, and uneven development: conversations and challenges. Vancouver: 1984press.

PECK, Jamie (2023). Variegated economies. Oxford: Oxford University Press.

REICH, Michael, GORDON, David, EDWARDS, Richard (1973) Dual labor market: A Theory of Labor Market Segmentation. *The American Economic Review*, 63, 2.

STORPER, Michael (1997) *The Regional World: territorial development in a global economy*. New York: Guilford Press.

HALL, Stuart Hall and MASSEY, Doreen (2010). Interpreting the crisis. Soundings, n. 44, p. 57-71.

WILKINSON, Frank (1981). *The dynamics of labour market segmentation*. Elsevier.

ROSE, Gillian (1993). *Feminism & Geography: the limits of geographical knowledge*. Minneapolis: University of Minnesota Press.